

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POR QUÊ? COMO? E PARA QUÊ?

Autora: Raquel Cristina Coelho

Orientadora: Prof.^a M.^a Marise Dias Gurgel do Amaral.

Universidade Federal Fluminense, quelccoelho@gmail.com

Resumo: O presente artigo foi apresentado no curso de Pós - Graduação em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social da UFF e buscou discutir a formação de professores para atuarem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), através de alguns questionamentos sobre essa formação tais como: Por quê? Como? Para quê? Nesse sentido, o diálogo entre a formação inicial, a formação continuada e atuação do professor como pesquisador foram a base da pesquisa que envolveu os cursos de Pedagogia da cidade de Petrópolis - RJ, os cursos de atualização e extensão oferecidos pela Secretaria de Educação do mesmo município e a participação do professor na produção de conhecimento, ou seja, na pesquisa acadêmica. Essa produção está inserida diretamente na relação entre a teoria e a prática dos professores, visando a atuação em uma sociedade menos desigual. Sociedade essa que possui uma história de exclusão que reflete diretamente na clientela da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde há a necessidade de formação de um professor crítico e questionador de suas práticas.

Palavras-chave: formação de professores, educação de jovens e adultos, pesquisa.

Introdução

Escrever sobre educação já é algo difícil, e escrever sobre formação se torna algo ainda mais complicado e delicado, porque não posso deixar de colocar o meu posicionamento como professora e ao mesmo tempo, também, como aluna. Vejo a necessidade de trazer para o texto as minhas vivências e perspectivas, pois em minha trajetória como aluna e professora estou sempre pesquisando e buscando novos caminhos.

Dialogando com Esteban e Zaccur (2002), vejo que há a necessidade de que os professores se coloquem em meio às pesquisas, que atuem na busca e construção de conhecimento e não permaneçam como simples consumidores de teorias e pesquisas que são feitas apenas no âmbito das universidades, tão acadêmicas que, por vezes, fogem à realidade de nossa sociedade, mas de uma interação entre a realidade vivida em sala de aula e a teoria em um contínuo diálogo.

Pensei, por alguns instantes, em fazê-lo com um olhar mais distanciado, olhando "de fora" sem estar inserida, mas não pude. Sendo assim, irei parafrasear Paulo Freire: "É exatamente porque sei que mudar é difícil, mas é possível que eu me dou ao esforço crítico de trabalhar num projeto de formação de educadores." (FREIRE, 2000, p. 96) E no meu caso, irei fazer o esforço de tentar expor, neste artigo, as questões que me inquietam com relação à formação de professores para atuarem na Educação de Jovens e Adultos. Dentro desse contexto criar uma nova perspectiva dialogando não só com a academia, mas também com os professores e suas práticas, suas ideias, seus temores e sua produção intelectual, ou como coloca Nóvoa:

Defendo, por isso a necessidade de construir políticas que reforcem os professores, os seus saberes e os seus campos de atuação, que valorizem as culturas docentes, e que não transformem os professores numa profissão dominada por universitários, pelos peritos ou pela indústria do ensino. (NÓVOA, 2011, p. 535)

Ao começar este artigo sobre a já tão falada necessidade de formação de professores em Educação de Jovens e Adultos (EJA), não só a necessidade de uma formação na licenciatura, mas uma formação continuada, precisei trabalhar com alguns questionamentos: Por quê? Como? e Para quê?, ou seja, acabei traçando uma rota bem diferente da inicial, que só estava vinculada à necessidade de uma formação que sempre nos é colocada como algo absoluto, mas que nem sempre é

questionada. Ao atentar para a necessidade de uma ampla análise, pude vislumbrar que não podemos ficar só no discurso, que por vezes acaba somente apontando para o professor, mas que não remete a um universo maior, que é o próprio curso de formação ao nível de licenciatura, assim como os cursos que são ofertados pelas secretarias para uma "formação continuada".

Metodologia

Neste sentido, o presente trabalho foi pautado inicialmente no por que de uma formação? Levamos essa ideia de curso de formação tão à sério que não nos questionamos sobre essa insistência na formação. Estamos tão condicionados que não traçamos metas, que não discutimos se realmente há uma formação. É comum que os professores que já estão atuando participem dos cursos, alguns estão realmente interessados e outros participam nem tanto, mas nada do que é tratado nos cursos de formação chega efetivamente até à equipe para ser analisado, o que torna tudo sem fundamento.

Tendo como base esse não aprofundamento das questões tratadas nos cursos, no diálogo entre as práticas é que, por vezes, temos o discurso de culpa sendo delegado ao professor, que por ter estado em contato com a teoria e com novas pesquisas ainda sim é culpabilizado pelo fracasso, pois não foi capaz de alterar o quadro da educação nacional.

Com relação a essa culpabilização, devemos pensar no quanto é importante que a pesquisa e a análise de tais conteúdos ofertados sejam feitas, para que não se percam em um emaranhado de suposições ou em interpretações errôneas, pois é necessário, como colocam Esteban e Zaccur (2002, p. 15), "dar ao aprofundamento teórico o sentido de busca de respostas, que se abrem para novas perguntas num movimento que não encontra um ponto terminal." em uma interação e interlocução entre teoria e prática e onde os professores passam fazer parte da pesquisa e da construção das metas, visando uma interação e tendo a prática como ponto de partida. .

Tendo como questão a formação e a relação da teoria com a prática se faz necessário pensar os cursos de licenciatura e dessa maneira, ao verificar a grade

de alguns cursos de Pedagogia¹, foram analisadas quatro universidades, sendo que três delas trabalham com o curso na modalidade em EaD, ou seja, trabalham com um quantitativo de horas. Na primeira, Estácio de Sá, o quantitativo é de 36h, na segunda Unopar são 120h e a terceira a Uninter são 56h², já a quarta a Universidade Católica de Petrópolis, que possui o curso também na modalidade presencial, destina um semestre para a disciplina³.

Ao olhar a carga horária envolvida na graduação, nos deparamos com um aspecto que mostra que não há uma ampla formação para debater essa modalidade de educação que é voltada para os jovens e adultos, pois há uma divergência na carga horária. Um outro aspecto que chamou a minha atenção foi o estágio. Em nenhuma das instituições existe um estágio supervisionado para que os discentes observarem como o professor atua em uma turma de jovens e adultos, até mesmo porque as aulas da EJA são, em sua maioria, realizadas no 3º turno.

Novamente trabalhamos muito com a teoria, o que fica claro é que a formação ao nível de graduação não contempla a EJA, não da maneira como deveria, sendo assim, se faz necessário a reformulação e a reelaboração do currículo, pois muito mais que preparar para o trabalho prático, essa formação deve dar espaço para o debate e para a análise da sociedade atual, que ainda tem um número muito grande de adultos e jovens fora da escola, muitos estão tentando retomar seus estudo e, conseqüentemente, entrar no mercado de trabalho.

Quanto aos cursos de formação, o que temos é um professor que se forma e que quando entra em uma sala de aula se depara com a realidade, se depara com um novo panorama e, sendo assim, o professor vai precisar de auxílio, vai precisar de um suporte, que os cursos, quando bem elaborados e estruturados podem dar e que uma equipe gestora qualificada e atuante pode oferecer.

Concepção de formação do profissional de caráter amplo, com pleno domínio e compreensão da realidade de seu tempo, com consciência crítica que lhe permita interferir e transformar as condições da escola, da educação e da sociedade (FREITAS, 1999 p. 30)

¹ Procurei trabalhar com a Pedagogia pois além de ser a formação inicial da maioria dos professores que trabalham na EJA do meu município, é também o curso exigido para que os professores possam exercer o cargo de coordenadores, orientadores e diretores.

² A disciplina é dada como Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos. <http://uninter.com/graduacao-ead/cursos/licenciaturas/pedagogia>. Último acesso em 25 de maio de 2016.

³ Escolhi estas quatro universidades, pois elas são as instituições que formam a grande maioria dos profissionais do município de Petrópolis.

Foi nesse sentido que eu busquei o curso de Pedagogia como base, pois para auxiliar o professor, buscar novos meios, é necessário também que a equipe gestora tenha conhecimento do tema, que ela possua um olhar voltado para esse aluno e esse professor, que esteja sensibilizada para as diferenças que existem entre o ensino regular e a EJA, pois cada grupo tem uma demanda específica.

Resultados

Saindo da formação inicial do professor e partindo para a formação continuada: os cursos de atualização e de extensão, estamos agora entrando na vertente de como fazer essa formação?

Não é fácil achar uma resposta, pois ela está diretamente relacionada a uma realidade que os alunos da EJA também enfrentam, porque cada curso de formação requer tempo, requer investimento e demanda uma perspectiva de ganhos no futuro e aí a realidade da educação é ingrata. Apesar dos investimentos que já foram feitos e que estão sendo previstos para a educação nacional, nem sempre eles se convertem em reajuste para o professor.

Dessa maneira, há um problema em exigir uma qualificação, em buscá-la, arcar com os gastos e o que é mais difícil de aceitar é que, muito provavelmente, não haverá retorno financeiro, é um campo ambíguo, pois trabalhamos com a vontade de aprender do próprio professor “O professor deve ser imagem viva do aprender a aprender” (DEMO,1996, p. 89) e a realidade de que tal aprendizado não será garantia de uma maior remuneração.

Temos para este ano previsão de cursos para professores que atuam na EJA, previsão de investimentos como é colocado na página do MEC⁴, mas temos ainda um quadro real de greve dos professores em vários estados, reivindicações por melhores salários ou simplesmente para que o Plano de Cargo Carreiras e Salários (PCCS) sejam respeitados nas esferas estaduais e municipais.

Abrindo esse debate entre como fazer para alcançar essa formação e a necessidade de trabalhar e ser reconhecido por sua atuação, a história atual está

⁴ "A formação de professores para trabalhar na educação de jovens e adultos está na pauta do Ministério da Educação. Parte do investimento sai do orçamento destinado aos sistemas públicos de ensino que oferecem EJA – neste ano, será de R\$ 548 milhões. Mas a atuação é mais diversificada. Conheça as outras ações em andamento, focadas principalmente na oferta de cursos e material didático." <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=6007:mec-investe-na-formacao-de-professores-em-educacao-de-jovens-e-adultos>. Último acesso em 24/05/2016.

mostrando, pelo menos no Rio de Janeiro e em São Paulo, que há um reconhecimento dos alunos no que diz respeito às reivindicações dos professores e creio eu, que essa mudança de postura da sociedade diante da educação seja resultado de um diálogo e de liberdade de participação que não era possível há uma década atrás, onde a desigualdade social não só marcava a nossa história, mas também calava os oprimidos. Oprimidos esses que estão regressando aos bancos escolares, estão tendo acesso à universidade e que agora debatem a realidade de nosso país.

Essa questão de atuação está diretamente ligada as experiências vividas por muitos alunos da EJA, que em sua história sabem bem o que é ficar à margem de uma sociedade, assim como os professores em sua luta cotidiana por aprender, por fazer algo que realmente mude a história da educação nacional.

Entre alguns aspectos do como fazer, eu destaco que temos um problema também na divulgação de alguns cursos, as informações não são repassadas ou quando são repassados estão atrasadas ou incompletas. Assim como na sala de aula, se o aluno não consegue compreender ele não irá aprender, o professor que não está bem assessorado também não terá como buscar essa formação e novamente eu justifico que os cursos de Pedagogia precisam de uma reelaboração em sua grade curricular, pois de lá saem os gestores que são a ponte de comunicação entre os órgãos públicos e os funcionários de uma escola e essa ponte deve manter o fluxo de ambos os lados.

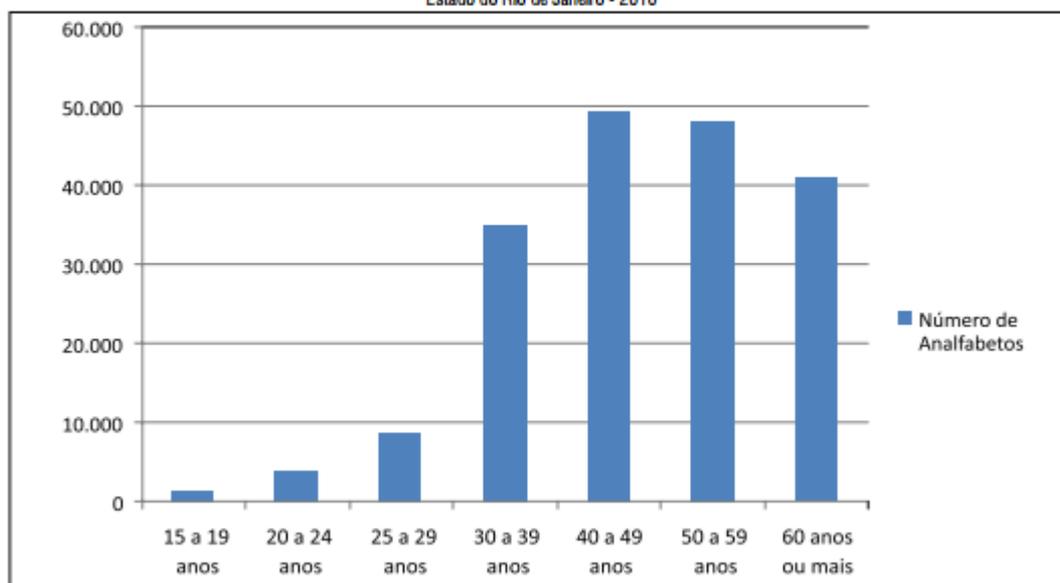
Discussão

Ao pensar o debate sobre a formação dos professores: inicial, os cursos de extensão, atualização, todos os recursos que podem estar à disposição do profissional, me deparei com o objetivo final de toda essa formação, o para quê? Onde queremos chegar? O que queremos construir? ou O que queremos modificar?

Ao pensar a nossa sociedade tão desigual, onde ainda nos deparamos com um quadro como o mostrado no gráfico abaixo, descobrimos o quanto é importante formar os professores para que possam trabalhar com a realidade, que possuam base e argumentos e que estejam sintonizados com a gama de vivências que eles encontraram em sala de aula.



Gráfico 01
Número de analfabetos, por faixa etária
Estado do Rio de Janeiro - 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico - 2010.

Ao analisar o gráfico e verificar que estamos falando da Região Sudeste, mais precisamente do Rio de Janeiro, é possível ver o contraste, entender as mazelas e as dificuldades que estão explícitas em nossa sociedade, nos jornais, através do alto índice de criminalidade, nos noticiários da televisão que colaboram para a alienação ainda maior das massas, que sem acesso à educação, aceitam todas as informações que a mídia coloca como verdades absolutas.

Cabe aqui ressaltar que essa exclusão faz parte da nossa história enquanto sociedade brasileira, e que como podemos presenciar em fatos recentes da nossa história parece não ser conhecida de todos os cidadãos, e mais uma vez fica claro que os cursos de graduação, apesar de terem em suas grades temas como a história da educação, não trabalham o viés da educação nacional dentro de um recorte temporal, pois esses alunos que estão saindo da escola para regressar mais tarde ou regressando agora, por não terem tido sua formação na idade adequada, são frutos de um processo histórico que parece não ter sido discutido nas salas de aula da graduação, e que acaba trazendo à tona o sentido de "O que é educar?"

Educar para um país sem miséria é educar sobretudo os que mais necessitam da Educação, aqueles e aquelas que tiveram seu direito à Educação duplamente negado: primeiro ao não poderem, quando crianças, frequentar a escola e, depois, quando adultos, ao lhe ser negado, mais uma vez, o acesso à Educação. (GADOTTI, 2014, p. 13)

No parágrafo anterior fiz a referência à necessidade de falar sobre a construção histórica da desigualdade, porque como professora e ex-aluna de cursos de licenciatura entre eles a licenciatura em História, sempre vi a disciplina sobre história de educação muito mais voltada para os acontecimentos da Europa, o velho "eurocentrismo", enquanto que a discussão sobre a educação nacional ficava presa às leis, nenhum debate sobre a sociedade, as transformações políticas e culturais de cada época não eram tratadas. Como bem colocou Hobsbawm (1995) que o ofício do historiador é lembrar o que outros esquecem, o que acaba se tornando algo muito importante no momento em que estamos vivendo, lembrar para que não aconteça novamente e lembrar para que novas estruturas sejam erguidas.

Em se tratando de lembrar, creio que não vou deixar o ofício como exclusividade do historiador, pois o professor também possui essa função de lembrar a cada dia quando entra em sala de aula que ele ainda está em formação, que ele precisa batalhar para conquistar um pouco mais e que apesar do discurso de que "salvação da nação passa todo pela educação" como podemos ver em inúmeros textos⁵, o profissional também é fruto de um meio, é fruto dessa exclusão, ou como coloca Saviani (2008) que todos os enfrentamentos do trabalho educativo: os avanços e recuos são produtos de construções históricas. Professores são agentes de transformação, mas também são transformados.

Seguindo a ideia de que professores transformam a realidade, cabe aqui pensar na formação para trazer o professor que está diariamente na sala de aula para a academia, para a pesquisa, ou seja, o professor - pesquisador, não o acadêmico que só teoria, mas aquele que parte da prática diária para o diálogo com as pesquisas com a produção, em um contexto mais amplo entre prática - teoria - prática, onde realmente se tem a transformação na educação e também na formação do professor.

É comum em reunião de professores a discussão terminar com a seguinte frase "Esse método não funciona aqui.", ou como colocam Esteban e Zaccur:

Quem vive o cotidiano da escola não se reconhece no texto teórico, sentindo-se negado; quem teoriza precisa estar atento para não se abstrair da realidade da escola, exorcizando o que possa tumultuar a racionalidade do constructo teórico elaborado. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 14)

⁵<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/sete-passos-erradicar-analfabetismo-594388.shtml?page=2>, aponta os caminhos que devemos tomar para erradicar o analfabetismo e novamente a formação do professor aparece em destaque. Último acesso em 25/05/2016.

Fica então evidente que a atuação do professor na construção desse diálogo entre teoria e prática se faz necessário. É comum pensar no professor como aquele que executa, enquanto os intelectuais discutem o que deve ou não ser executado, mas é na prática que as teorias são testadas e são aprovadas ou não. De tal forma a participação do professor no campo da pesquisa e essa pesquisa como campo de formação vem para ampliar o domínio que o mesmo tem em sala de aula.

Conclusão

Pude concluir que o tema formação de professores, não só para atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas também na educação básica, é sempre um tema polêmico e que possui muitas lacunas para serem preenchidas, pois ao debater formação, encontramos pessoas que discutem que ela existe, mas os professores não colocam em prática os conhecimentos passados, e esse é o discurso que por hora é o dominante, que acaba por denegrir o trabalho docente.

E esse foi o foco do artigo, discutir os problemas na formação inicial, em como a teoria e prática são diferentes e como, por inúmeras vezes, a prática do professor é silenciada, por um olhar que delega ao mesmo somente a função de executar e não de pensar a Educação.

Nesse sentido, o que podemos verificar é que devemos repensar a formação inicial nos cursos de licenciatura e de pedagogia, assim como, devemos questionar os cursos de capacitação que são oferecidos por diversos órgãos na esfera municipal visando que esses cursos tragam ganhos efetivos na formação do professor. Como é colocado por Cavalieri e Gurgel (2016) há a necessidade de articular Ensino e Pesquisa em uma dinâmica de debates entre instituição, professor, estudante e sociedade com o objetivo de propiciar a interação entre todos os participantes da comunidade escolar. O que só tende a trazer ganhos efetivos para a educação.

Para finalizar, é necessário repensar o por quê de tanto esforço, tanta dedicação, pois essa formação deve estar diretamente ligada à necessidade de mudança em nossa sociedade tão excludente, que não só exclui os alunos, mas que por inúmeras vezes exclui o próprio professor de participar das decisões que são tomadas na Educação Nacional. Muito mais que meros receptores das mudanças, devemos nós, professores, atuarmos não só como atores, mas como roteiristas e

produtores das mudanças na educação nacional que tanto queremos. Pode até ser um sonho, mas iremos buscando novos caminhos, sonhando um pouco mais e sonhando em grupo, buscando formar uma sociedade e uma educação menos desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DEMO, P. *Questões para a teleeducação*. Brasília: UNB, 1996.
- ESTEBAN, Maria Teresa. ZACCUR, Edwiges (orgs.). *Professora - pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. 7ª. ed. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREITAS, Helena Costa Lopes. *A reforma do Ensino Superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: As políticas educacionais e o movimento dos educadores*. Educação & Sociedade: Campinas: CEDES, n. 68, p. 17-44, 1999. Número especial.
- GADOTTI, Moacir. *Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos*. 1ª ed. São Paulo: Moderna: Fundação Santillana, 2014.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914 - 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NÓVOA, António et al. *Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com Antônio Nóvoa*. Educ. Real. Porto Alegre: v. 36, n. 2, p. 533-543, maio/ago. 2011. Disponível em : <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>
- SAVIANI, Dermeval. *História da História da Educação no Brasil - Um balanço prévio e necessário*. EccoS, Revista Cienyífica, São Paulo. V. 10, n. Especial, p. 147-167. 2008
- <http://www.cead.uff.br/ead/mod/folder/view.php?id=3184>. CAVALIERE, Ivonete e GURGEL, Marise. *O pensar e o agir na Educação de Jovens e Adultos*. Último acesso em 10/06/2016.
- <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/sete-passos-erradicar-analfabetismo-594388.shtml?page=2>. Último acesso em 25/05/2016.
- http://www.ceperj.rj.gov.br/int/boletim%20ceperj/Boletim_2014/Boletim%20n%C2%BA%202%20-%20Agosto.pdf. Último acesso em 25/05/2016.